

II SEMINÁRIO ESTADUAL PIBID DO PARANÁ

Anais do Evento



Foz do Iguaçu | 23 e 24 | Outubro 2014

ISSN: 2316-8285



unioeste

Universidade Estadual do Oeste do Paraná
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO



UNILA

Universidade Federal
da Integração
Latino-Americana

ESCOLA PARA QUE? RELATOS DE UMA ETNOGRAFIA ESCOLAR

Laura Freire¹

Julio Cesar da Rosa²

Resumo: Uma das atividades do PIBID UNIOESTE-Sociologia é realizarmos etnografias das escolas com as quais tivemos contato. O presente trabalho tem como objetivo trazer algumas situações ocorridas durante o fazer etnográfico que nos ajudaram a entender como a escola onde realizamos o PIBID se constrói, durante a interação dos membros que a constituem, como mecanismo de legitimação da ordem capitalista.

Palavras-chave: Etnografia Escolar. Educação. PIBID.

Introdução

O método etnográfico requer cuidado, fazer etnografia é realizar, como já dizia Geertz, uma descrição densa,

é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos, escrito não com os sinais convencionais do som, mas com exemplos transitórios de comportamento modelado (GEERTZ, 2008, p. 7).

Para realizar uma etnografia, como sistematizou Roberto Cardoso de Oliveira, o trabalho do antropólogo requer três exercícios: o *olhar*, através de um olhar domesticado teoricamente, o objeto é “apreendido pelo esquema conceitual da disciplina”; o *ouvir*, que possibilita ao pesquisador, através do contato com o “nativo” e em dependência com o olhar, perceber as estruturas das relações sociais; e o *escrever*, “o processo de textualização dos fenômenos sócio-culturais observados 'estando lá’”. Estes exercícios, presentes na realização de uma etnografia, requerem um tipo de observação muito particular ao antropólogo, que é a observação participante. Nesta, “o pesquisador busca interpretar – ou compreender – a sociedade e a cultura do outro 'de dentro', em sua verdadeira interioridade” (OLIVEIRA, 2000, pp. 19-34).

Foi com esta maneira particular de olhar, ouvir e se comunicar com o “outro” que, adentramos à comunidade escolar na qual realizamos o projeto PIBID, percebendo-a através das relações sociais ali constituídas. Para tanto, necessitamos lembrar constantemente que

¹ Acadêmica do 3º ano do curso de Ciência Sociais/Licenciatura UNIOESTE-Toledo. E-mail: llaurafreire@hotmail.com

² Acadêmico do 4º ano do curso de Ciências Sociais/Licenciatura UNIOESTE-Toledo. E-mail: julio_cvel@hotmail.com

observar o familiar – já que a instituição escolar já nos é “conhecida” – requer um constante estranhar, exercício este que DaMatta nos lembra que

o problema é, então, o de tirar a capa de um membro de uma classe e de um grupo social específico para poder – como etnólogo – estranhar alguma regra social familiar e assim descobrir (ou recolocar, como fazem as crianças quando perguntam os “porquês”) o exótico no que está petrificado dentro de nós pela reificação e pelos mecanismos de legitimação (DAMATTA, 1978, p. 29).

Deste modo, pensamos ser pertinente trazer para a discussão algumas falas que ocorreram durante o trabalho de campo, assim como alguns trechos do Projeto Político Pedagógico da escola³, para problematizarmos como esta escola se constrói e se percebe como mecanismo de socialização. Não apresentamos aqui uma etnografia, mas sim uma problematização de uma das situações que vivenciamos no fazer etnográfico.

Desenvolvimento

Primeiramente, a partir desse contexto do fazer etnográfico, precisou-se realizar uma leitura prévia, antes de ir a campo, para que fosse possível perceber o que a escola com a qual iríamos estar em contato dizia sobre ela mesma. Foi através do Projeto Político Pedagógico (PPP) que fizemos este primeiro contato. Nele percebemos que a escola tinha o seguinte discurso

1016

Precisamos sempre estar conscientes, refletindo no real papel da escola na construção de uma educação igualitária. Uma educação que, embora situada num contexto de desigualdades, não forma sujeitos conformados com esta condição, mas pessoas conscientes de seu papel para a construção de uma sociedade que garanta o acesso de todas as pessoas aos bens produzidos coletivamente. (PPP)

Sendo assim, esse discurso sobre a escola nos levou a pensar que esta seguiria uma educação nos moldes da “Educação Libertadora” de Paulo Freire, onde tentaria assim exercer uma educação para a libertação, que tivesse como imperativo ético, primordial, a desocultação da verdade, da repressão vivenciada na sociedade em que estamos inseridos (FREIRE, 2001).

No entanto, encontramos no próprio PPP momentos de contradição com esta percepção de educação. Um exemplo disto é quando se fala que

³ Todos os dados que identifiquem a escola (excluindo até mesmo o PPP das referências bibliográficas) ou as pessoas envolvidas não serão aqui divulgados, estando estes em posse somente dos pesquisadores envolvidos. Com isso pretende-se manter a ética de pesquisa frente ao objeto de estudo.

se todos os seres humanos estiverem evoluindo, em breve, numa direção positiva, rumo à idealização de uma civilização científica realmente voltada para o bem-estar de toda a humanidade, nesse momento tarefas importantes estarão reservadas a todas as profissões. (PPP)

Este discurso se aproxima da perspectiva Durkheimiana e positivista pela qual se entende que em uma sociedade de classes, a educação asseguraria “a persistência desta diversidade necessária, diversificando-se ela mesma e permitindo as especializações” (DURKHEIM, 1955, p. 42).

Devido a esta situação de contradição encontrada na leitura do PPP, que foi o nosso primeiro contato sobre o que a escola fala sobre si, necessitamos no campo compreender como realmente a escola se entendia no processo de socialização dos alunos.

A nossa primeira ida a campo aconteceu no dia da reunião de replanejamento, para a qual fomos convidados pela professora colaboradora. Esta foi uma oportunidade de perceber o que os professores da própria escola pensavam da mesma, das suas relações com os alunos, com a direção e com a coordenação pedagógica. Levamos, pois, um celular com o objetivo de gravar a conversa que se procedeu entre a comunidade docente, e transcrevê-la depois, para compreendermos o que se passou “estando lá”, com o distanciamento de “estar aqui”.

1017

Procuramos constatar como os professores, ao articularem seus discursos, compreendem o que é o processo educativo, buscando deste modo verificar como esta escola se constrói e se entende no processo de socialização. Neste viés, na reunião de replanejamento duas falas nos chamaram atenção, foram as seguintes:

PROFESSOR 1: Os professores precisam se aliviar no stress, aí também é que, é entender que nós teremos dentro de uma sala, alunos que vão ter desempenho acadêmico excelente, teremos alunos que não vão ter desempenho acadêmico, teremos alunos que vão conversar, teremos alunos que vão ficar em silêncio. Nós temos dentro da nossa sala de aula um retrato da nossa sociedade, se nossa sociedade tem nichos e lugares que precisam de UPPs pra desarmar o povo, dentro da nossa sala nós temos que fazer interferência também com as nossas UPPs ali pra pacificar então é o dilema da educação. O que temos que tá vivendo e convivendo com isso e com saúde né?⁴

PROFESSOR 2: Eu acho assim, que a gente sonha, que estamos ainda sonhando com uma escola pública bem acadêmica de um nível elevado né? Mas a escola pública hoje sonha isso porque nós mais velhos fomos formados pra isso né? E hoje a gente tá vendo né? Que tem o Ricardo falou quem tá interessado naquilo que você tá falando ali, ah eu quero um trabalho de qualidade, mas pra aquela classe inferior lá isso não é significativo (...)Então existe essa separação dessa qualidade, escola pro pobre escola, pro rico, infelizmente existe, então onde eu tô trabalhando? Tô

4 Gravação realizada pelos autores.

trabalhando numa escola, à priori, em tese, pra pobre, que inclui a todos, então eu sempre falo: agora eu entrei na minha nave de ET.⁵

Pudemos assim, com estas falas (e outras situações aqui não relatadas) constatar a apresentação de um discurso no qual a escola estaria reproduzindo as desigualdades encontradas na realidade social, seja comparando o desempenho dos alunos, seja falando claramente que existe escola para pobre e escola para rico. Se afastando do primeiro retrato encontrado por nós no PPP e se aproximando mais do segundo. Compreendendo deste modo, indo a campo, qual é o verdadeiro discurso sobre o que a escola é para ela mesma.

Desta forma, percebemos que o discurso produzido pela escola, que estamos trabalhando no PIBID, sobre ela seria a de legitimação de uma instituição onde a reprodução do sistema social e de suas normas de submissão e dominação da classe operária se encontra presente e perpetuada, o que podemos compreender quando Althusser diz que

(...) a reprodução da força de trabalho exige não só uma reprodução da qualificação desta, mas, ao mesmo tempo, uma .reprodução da submissão desta às regras da ordem estabelecida, isto é, uma reprodução da submissão desta à ideologia dominante para os operários e uma reprodução da capacidade para manejar bem a ideologia dominante para os agentes da exploração e da repressão, a fim de que possam assegurar também, «pela palavra», a dominação da classe dominante. (...) a Escola (mas também outras instituições de Estado como a Igreja ou outros aparelhos como o Exército) ensinam «saberes práticos» mas em moldes que asseguram a *sujeição à ideologia dominante* ou o manejo da «prática» desta. (ALTHUSSER, 1974, p.21-22)

1018

Conclusão

A experiência de estar em campo, do fazer etnográfico, nos permitiu entender a lógica própria da escola que estamos em contato. Este modo de trabalho dá voz aos sujeitos possibilitando que entendamos como eles próprios se compreendem e se inserem na sociedade. Neste caso, pudemos perceber, no discurso e na prática, a perpetuação dos mecanismos de legitimação e de continuidade da ordem capitalista obtida durante o processo de socialização dos alunos.

Deste modo, o exercício do trabalho etnográfico nos proporcionou uma visão da escola sobre ela própria. Sendo este, importante para compreendermos a construção do discurso apresentado, questionarmos a função da escola nos dias atuais, e fazendo-nos refletir também, como futuros professores, se é essa escola, na qual se reproduz que o padrão legítimo de ser está no domínio da desigualdade, que queremos perpetuar.

5 Gravação realizada pelos autores.

Referências Bibliográficas

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do estado**. Tradução: Joaquim José de Moura Ramos. Lisboa: Presença/Martins Fontes, 1974.

DAMATTA, Roberto. O ofício do etnólogo ou como ter “anthropological blues”. In: NUNES, Edson (org.). **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, p. 23-35, 1978.

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. Tradução: Lourenço Filho. 4ª ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, p. 25-56, 1955.

FREIRE, Paulo. **Política e educação: ensaios**. 5ªed. São Paulo: Cortez, 2001.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1ª ed., 13ª reimpr. Rio de Janeiro: LTC, p. 3-21, 2008.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. 2ª ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo: Editora UNESP, p. 17-35, 2000.